

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha da Tarde

Class.: 422

Data: 22.03.67

Pg.: 5

ADORAM CRIANÇAS E ANIMAIS



Os guaranis se dirigem para Caxias do Sul, lentamente, tomando os caminhos mais curtos, por pequenas vilas e povoações do Vale do Sinos e Encosta da Serra. Ali engradam seus cavalos e mulas, negociam com animais e vendem ervas e raízes medicinais. Respeitosos, procurando logo que chegam a uma localidade o delegado ou subdelegado, para pedir licença para ficar, os índios não orlam casos, não furtam e não bebem do ponto de se embriagar. Adoram as crianças, e são também um pouco crianças em suas atitudes.

ÍNDIOS NÔMADES E CAVALEIROS



São cerca de 60 famílias, remanescentes da tribo que em 1953 foi retirada de seu habitat, nas selvas do Mato Grosso, e objeto de uma interessante experiência, dividida em pequenos grupos. Percorrem a Encosta da Serra e Vale do Rio dos Sinos, rumo a Caxias do Sul. Depois de 13 anos e meses de convívio civilizado, grande parte passado em nossa zona fronteiriça, os índios guaranis chefiados pelo cacique Pedro Gonzaga se transformaram em negociantes de cavalos, domadores e plantadores de arroz. A maior parte não deseja voltar para seu Estado, e sim radicar-se na região campestre. São vistos negociando cavalos com dois moradores de Sander, na subida para Gramado.

Fim da Longa Jornada Rumo à Civilização

De Vinicius Bossle e Alceu Feijó (Última de uma série)

TRES COROAS — Os índios guaranis, oriundos do Mato Grosso, que de uma forma inédita estão prestes a completar 15 anos de um curso prático de civilização, apresentam alguns resultados favoráveis, mais fruto de sua organização tribal do que, propriamente, das facilidades e proteção que o governo lhes está dando.

Adquiriram hábitos nômades, movimentando-se sempre, conduzindo seus pertences em cargueiros transportados por mulas e eles próprios em boas montarias.

O grupamento inteiro, que está na região da Encosta da Serra e rio dos Sinos, compreende 60 famílias e cerca de 400 indivíduos, cujos bens principais estão representados por 700 cavalos e mulas, barracas, utensílios domésticos, selas, cargueiros e outros objetos.

Permanecem quase todos analfabetos, pois sua vida nômade não permite que nem as crianças frequentem colégios, mas alguns, por iniciativa própria, aprenderam a contar e a soletrar.

São sadios, tratando-se tão-somente com ervas e raízes. Portadores de bons dentes, já adquiriram o hábito de frequentar o dentista, quando sofrem dores, e alguns exibem coroas de ouro em sua dentadura.

A EXPERIENCIA

Vendo e observando o grupamento de índios civilizados, e levando-se em conta que há pouco mais de 13 anos viviam nus e em estado inteiramente selvagem, deve-se anuir que a experiência deu frutos.

Hoje se vestem, casam pela lei, aprenderam a trabalhar em fazendas ou estabelecimentos agrícolas e até assimilaram hábitos de poupança, pois já possuem uma pequena fortuna em animais de carga e montaria.

Fora a organização tribal, os guaranis objeto desta série de reportagem conservam como costume as danças da tribo, sendo a mais apreciada a que tem o nome de "Imarandandá", quando formam uma roda, homens e mulheres, e acompanham uma melodia tocada em flautas de bambu com pulinhos e volteios.

Não há namoro entre eles, e quando um rapaz gosta de alguma moça, conta ao pai; este procura o pai da moça para conversar sobre o assunto, e se há acordo, então a moça fica sabendo que é pretendida. Caso contrário, tudo fica em segredo.

A mulher, quando fica viúva, não casa mais, e não há hábitos de poligamia entre eles, que também são zelosos da sua honra.

Mostram-se muito carinhosos com as crianças, e eles próprios, adultos, são meio infantis, rindo por qualquer coisa.

Ouvindo os mais moços, eles nos disseram que não vão mais regressar para Mato Grosso, de onde vieram, e sim estabelecer-se em cidades da fronteira, em nosso Estado.

Os mais velhos, contudo, têm esperanças de voltar a Dourados, e cultivar terras que o governo prometeu lhes dar, assim como

ESTÃO ESQUECENDO O GUARANI

Mesmo mantendo-se em grupos, casando-se entre si e observando alguns costumes tribais, os jovens e as crianças não usam comumente a língua guarani, na sua conversação, enquanto os velhos ainda se comunicam entre si no melodioso falar indígena.

Normalmente, poderiam ser tomados mais por homens simples da fronteira, meio ciganos, do que por verdadeiros bigres matogrossenses. Se o objetivo do Serviço Nacional de Proteção ao Índio foi colocar no retorta das comunidades civilizadas os índios de Dourados, para que os silvícolas copiassem e assimilassem hábitos nossos, a experiência pode levar o selo do sucesso; mas não se pode desconhecer que o mérito maior dessa saga singular cabe aos anciões guaranis, que sabiamente conservaram a organização da tribo e a adaptaram às exigências que lhes fizeram, através dessa longa caminhada para a civilização, as modestas e simples comunidades que deram abrigo aos silvícolas.

Vale referir que, se eles tivessem procurado as grandes cidades, dificilmente teriam sobrevivido; vivendo em pequenas vilas e povoações e acampando entre gente hospitaleira do interior, que tem tempo e oportunidade para ser compreensiva e bondosa, os guaranis hoje se identificam com as criaturas do meio das quais estão vivendo há quase 15 anos.

Olham um pouco ansiosos o dia em que vão estar livres de um compromisso, marcado pelo nosso Serviço Nacional de Proteção ao Índio, dispostos cada um a procurar seu rumo, mesmo que isto implique na perda do auxílio financeiro que recebem. Dizem que o auxílio, nesta altura, já é um grilhão, e que é preferível a